

## A RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE DA NOVA RÚSSIA E A FLORESTA ATLÂNTICA DURANTE O SÉCULO XX EM BLUMENAU-SC.

Martin Stabel Garrote<sup>1</sup>, Gilberto Friedenreich dos Santos<sup>2</sup> e Vanessa Dambrowski<sup>3</sup>

**Resumo:** *A Floresta Atlântica, nacional e regional, foi extremamente explorada no século XX. Através de um histórico ambiental torna-se possível compreender as conseqüências da ação humana sobre o meio ambiente e suas relações sociais com as diversas formas de utilização dos recursos naturais, tornando clara a percepção das conseqüências das influências antrópicas no Vale do Itajaí. O objetivo deste trabalho consistiu em determinar as influências antrópicas ocorridas no Parque das Nascentes e seu entorno pela comunidade da Nova Rússia, e suas conseqüências para a Floresta Atlântica e para as populações humanas da região durante o século XX. Para tanto, foram realizadas coletas de documentos escritos e orais. Desta forma foi possível identificar as principais influências antrópicas na região do Parque das Nascentes e seu entorno: exploração de minérios, exploração do potencial hídrico com os moinhos de farinha e as serrarias, exploração da mata nativa, de madeira de lei, solo para agricultura, pecuária, reflorestamento com espécies exóticas, caça e pesca - todas elas são ações que acarretaram o esgotamento e a extinção de alguns dos recursos mais explorados, principalmente entre 1960 a 1980, quando se introduz a exploração realizada por máquinas, provocando sérias conseqüências à Floresta Atlântica e às comunidades do entorno do parque.*

**Palavras-chave:** Floresta Atlântica. Vale do Itajaí. História da Ocupação Humana. Uso do solo.

### 1 Introdução

Não muito tempo atrás, a ciência passou a se preocupar cada vez mais com a questão ambiental e o entendimento dos danos que causamos ao nosso planeta através da utilização do solo, da exploração de áreas de florestas nativas, do uso inadequado de recursos na agricultura, da caça, entre outros. Destarte, o esgotamento de recursos naturais passou a significar um alerta para que os esforços iniciassem a ser direcionados para soluções que minimizassem os efeitos destruidores da natureza pelos seres humanos.

As causas e os índices da degradação ambiental vêm sendo revelados por diversas pesquisas desde os anos de 1960, principalmente após o surgimento de uma nova ciência intitulada Ciência Ambiental, ou Ecologia Humana Sistêmica, tendo como principal objetivo estudar as causas e os efeitos da ação

humana no planeta. Estas ciências vêm contribuindo para o estreitamento de diversos campos de conhecimento e necessitando da contribuição de outras ciências, como a Biologia, a Matemática, a Filosofia, a Economia, a Geografia, a História, entre outras (ANDREUCCI, 2004). Diante deste cenário de debate sobre os problemas ambientais, surge, no campo da historiografia, a História Ambiental, sendo uma das últimas ciências a adentrar no campo interdisciplinar das ciências ambientais em finais do século XX.

A crise ambiental tornou possível a discussão de que não se poderia mais pensar na sociedade humana sem uma ancoragem no mundo natural. Desta forma, partindo através da História Natural e da Ecologia, foram os cientistas naturais que passaram a liderar, nos movimentos ambientalistas, ou nas instituições de pesquisas, um entendimento ecológico da sociedade e da cultura humana. As disciplinas

<sup>1</sup> Historiador pela Universidade Regional de Blumenau - FURB, especialista em História Social pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná – ISULPAR; mestrando em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau – FURB, atualmente é pesquisador do Grupo de História Ambiental do Vale do Itajaí/FURB. E-mail: martin\_stabelgarrote@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Geógrafo pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Mestre em Geografia pela UFSC, Doutor em Geografia Física pela Universidade de São Paulo - USP, atualmente é professor do Departamento de História e Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Comunicação e pesquisador do Grupo de História Ambiental do Vale do Itajaí/FURB. E-mail: frieden@furb.br.

<sup>3</sup> Bióloga pela Universidade Regional de Blumenau, atualmente é pesquisadora do Grupo de História Ambiental do Vale do Itajaí/FURB, E-mail: vdambrowski@yahoo.com.br.

sociais foram desafiadas por cientistas naturais e movimentos sociais a superar o seu paradigma e a incorporar variáveis naturais ao seu repertório legítimo de pesquisa (DRUMMOND, 1991).

Segundo Worster (1991), a História Ambiental surge como resultado de um descontentamento para com a historiografia praticada na primeira metade do século XX, adicionada pelos fatores ocasionados e evidentes do descaso humano pela preservação da natureza, ou seja, em plena crise ambientalista. Acima de tudo, a História Ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e super-natural, de que as conseqüências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas. A historiografia clássica não levou em conta que a vida humana no planeta foi moldada com sua adaptação com o natural, e que essa adaptação gerou modificações culturais e na biodiversidade. Os historiadores ambientais, por outro lado, perceberam que não podemos mais nos dar ao luxo de sermos tão inocentes, e passaram a registrar as diferentes formas com as quais a sociedade humana se relacionou com o ambiente natural.

Um dos níveis de estudo da História Ambiental, segundo Worster (1991), introduz o domínio socioeconômico na medida em que este interage com o ambiente, relacionando o trabalho com as relações sociais que brotam desse trabalho, com as diversas formas de produção e criação de bens a partir de recursos naturais. O poder de tomar decisões, inclusive as que afetam o ambiente, raramente se distribui de forma igualitária numa sociedade, de modo que descobrir as configurações do poder faz parte desse nível de análise. Através de um levantamento histórico ambiental, torna-se possível uma percepção mais clara das conseqüências das influências antrópicas sobre a Floresta Atlântica. A Floresta Atlântica, no âmbito nacional e de Santa Catarina, foi extremamente explorada, desde seus primeiros habitantes humanos antes da chegada do europeu, agravando-se à medida que os europeus passaram a colonizar a região.

A Floresta Atlântica, no Vale do Itajaí, apesar de manter um índice de cobertura

vegetal acima da média nacional, também sofreu inúmeras ações antrópicas, levando a uma significativa redução da cobertura vegetal original. Segundo Dean (1996), diversas foram as formas de interferência humana na Floresta Atlântica, começando com ocupação da região de mata ciliar, derrubada da mata, intensa exploração do solo para agricultura e criação de gado, caça, entre outras. A partir do século XX, esse processo destrutivo intensificou-se, principalmente com o surgimento de grandes indústrias, a ampliação das atividades agrícolas e extrativas, o crescimento populacional e a ocupação desordenada do solo.

Segundo Reitz (1983), o crescimento populacional e a ocupação desordenada do solo estão relacionados a uma série de influências antrópicas que facilitam a ocorrência de enchentes: o desmatamento indiscriminado em áreas declivosas, a agricultura intensiva sem práticas de proteção ao solo contra erosão, a ocupação intensiva das encostas urbanas com a desestabilização da terra e deslizamento de taludes, a ocupação de áreas baixas e úmidas, o reflorestamento com espécies exóticas, o uso descontrolado de agrotóxicos.

A região do atual Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia e seu entorno, assim como o restante do Vale do Itajaí, também sofreu inúmeras ações antrópicas durante o século XX, anteriormente à criação do Parque Ecológico Artex, que antecedeu o Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia. De acordo com Bacca (2004), o Parque das Nascentes possui uma área total de 5.326,16 hectares, e é o maior Parque Natural Municipal do Brasil. Constitui uma unidade de conservação oficialmente criada por Lei Municipal, antecedendo a Lei Federal SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) no ano de 1998. O Parque das Nascentes, segundo Dreher (2002), constitui uma das maiores reservas de Floresta Atlântica do Vale do Itajaí e uma das maiores do estado de Santa Catarina, tendo 76% dos 47 afluentes da Bacia do Ribeirão Garcia, importante recurso hídrico que abastece Blumenau e região. Bacca (2004) diz que o Parque das Nascentes faz parte de um esforço mundial de preservação onde as Unidades de Conservação de Proteção Integral são parte integrante, necessária e absolutamente indispensável de um processo

que inclui mudanças radicais de paradigmas, da economia e da própria maneira de os homens se relacionarem entre si.

Como conseqüência das influências antrópicas ocorridas na região do Parque anteriormente à criação do Parque Artex e Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia, a área apresentou um mosaico de estágios sucessionais. Zimmermann (1992) descreve que, dentro dos limites do Parque, encontra-se uma área de 500 hectares de Floresta Nativa Intocada, e outros 150 hectares que sofreram corte raso, encontrando-se em processo natural de recuperação. Os restantes 4650 hectares foram vítima de uma exploração variada, gerando estágios florestais que vão desde floresta primitiva alterada até capoeirão.

Os problemas ambientais verificados na Bacia do Itajaí têm uma relação causal com o processo de ocupação do solo e da sua utilização econômica, ocorrida ao longo dos últimos 150 anos. O vetor da colonização seguiu o curso inverso dos cursos d'água, ocorrendo onde havia facilidades de instalação e poucos desníveis no rio Itajaí. As primeiras áreas ocupadas foram na região da foz do rio Itajaí, seguindo-se pela região do Médio Vale. Devido às características deste processo de colonização, o solo foi sendo intensamente usado, geralmente com práticas degradantes, inclusive com grande utilização de insumos agrícolas, o que resultou em extensas áreas desflorestadas e na diminuição da qualidade ambiental (COMITÊ DO ITAJAÍ, 2004).

De acordo com Hering (1987), para sobreviver em terra pouco generosa, de clima muito quente no verão e precipitação elevada, sujeita a enchentes periódicas, o colono do vale foi obrigado a dedicar-se intensamente à exploração do solo. Silva (1972) cita, referindo-se à região de Blumenau, que as primeiras providências constituíam-se em derrubadas para a plantação de alguns gêneros indispensáveis à subsistência. Ainda de acordo com o autor, a indústria do tabaco foi uma das pioneiras na região, constituindo-se inclusive para a exportação. Outra indústria que se desenvolveu foi a da madeira, pois, enquanto no município de Blumenau a sua exportação era mínima, nos municípios de Ibirama e Rio do Sul o beneficiamento e a exportação da madeira consistiam a principal fonte de renda. A

produção e o beneficiamento de leite tornaram-se importantes para toda a zona colonizada. De acordo com Hering (1987), além da exportação de laticínios, fumo, tabaco entre outros produtos coloniais, um dos mais importantes eram as peles provenientes da caça. Aos poucos a sociedade foi ocupando a região, passando a ter uma maior relação de exploração, organizando manufaturas e intensificando o corte de madeira e a caça.

O objetivo deste trabalho consistiu em determinar as influências antrópicas ocorridas no Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia e seu entorno do município de Blumenau, Santa Catarina, e suas conseqüências para a Floresta Atlântica e as populações humanas da região, durante o século XX. Para atingir este objetivo, buscou-se: apontar as influências antrópicas registradas a partir do século XX, levantar os tipos de recursos naturais extraídos da Floresta Atlântica, determinar as formas de utilização dos recursos da Floresta Atlântica, relacionando-as com a questão sócio-econômica, levantar as conseqüências das ações antrópicas na Floresta Atlântica, levantar as conseqüências das ações antrópicas nas comunidades humanas.

Entender a forma de colonização e uso dos recursos naturais é fundamental para a compreensão dos modelos de desenvolvimento na região de Blumenau e do Vale do Itajaí, pois possibilita uma reflexão sobre o modelo atual. Com isso conclui-se a importância do levantamento histórico ambiental para o Vale do Itajaí, considerando que o conhecimento das influências do homem sobre a Floresta Atlântica, além das suas conseqüências diretas para o meio ambiente, está intimamente ligado à própria sobrevivência humana. É, também, um instrumento muito importante para a conscientização das comunidades sobre seus atos em relação à Floresta Atlântica e para a promoção de um desenvolvimento com respeito à natureza.

## 2 Material e Métodos

O Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia está localizado entre os municípios de Blumenau e Indaial, no Médio Vale do Itajaí, entre as latitudes 27°01'e 27°06'S e longitudes

49°01'e 49°10'W, no estado de Santa Catarina (GAPLAN, 1986). A área de pesquisa compreende os limites do Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia e parte da sua área de entorno de acordo com a Lei Municipal nº 4990/98, no município de Blumenau, especificamente na região conhecida como Nova Rússia.

Foram coletadas informações escritas em bibliografias, periódicos, anotações e produções científicas, e não escritas, através da pesquisa com História Oral. As fontes primárias, bibliografias, periódicos, anotações de pesquisadores, produções científicas, foram coletadas na Biblioteca Martinho Cardoso da Veiga, da Universidade Regional de Blumenau, na Biblioteca Municipal Fritz Müller e no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Anotações e textos sobre a região foram cedidos pelo pesquisador Lauro Eduardo Bacca, contribuindo com informações fundamentais para a realização do trabalho. As fontes orais sobre a região foram recolhidas através da pesquisa de campo, que consistiu em realizar entrevistas com o método da História Oral com os membros mais antigos da comunidade da Nova Rússia e com os pesquisadores Adalberto Day e Lucia Sevegnani.

A realização das entrevistas, iniciou-se com os membros da comunidade, descendentes dos primeiros colonizadores da região, nascidos a partir de 1938, e os que tiveram intensa participação na história da região, ou seja, pessoas da comunidade maiores de 60 anos de idade, e que possuíam suficientes lembranças sobre a região. Foram entrevistados sete membros da comunidade: Herbert Reimann, Iolanda Garcia, Miguel Leite, Reinaldo Rautenberg, Vileberto Alfarth, Maura Bento e Hildegath Alves. As entrevistas foram informais, sem seguir uma linha e questões iguais para todos os entrevistados. Mas seguiu o raciocínio temático de: qualidade da mata, processo exploratório, lucratividade, alterações ambientais, benefícios e conseqüências da exploração para a comunidade e conseqüências para o ambiente. As questões não seguiram um questionário fixo, a fim de melhor estabelecer um vínculo com a comunidade, pois apenas através de um bom relacionamento seria possível conseguir as informações sobre a forma de usos dos recursos da Floresta

Atlântica. Posteriormente, a análise consistiu na transcrição da entrevista, interpretação e levantamento dos dados.

Foram realizadas visitas à Empresa Souza Cruz e Artex, atual Coteminas, à Fundação Municipal de Meio Ambiente - FAEMA, à Polícia Ambiental, à Associação Catarinense de Preservação do Meio Ambiente - ACAPRENA, e ao Instituto Parque das Nascentes IPAN. Nessas entidades foram buscadas todas as informações pertinentes às influências antrópicas no Parque das Nascentes e entorno.

Após a coleta dos dados escritos e orais, as informações coletadas foram divididas entre as categorias de classificação de resultados para análise. As seguintes categorias foram estabelecidas: a ocupação humana na região, os recursos naturais explorados e sua utilização social, conseqüências da influência antrópica ao ambiente e à comunidade. A análise dos dados foi realizada através de uma correlação entre as categorias, em períodos ou ciclos, partindo da necessidade da exploração de recursos com a questão sócio-econômica, relacionando - a com a degradação ambiental.

### **3 Resultados e discussão**

#### **3.1 A ocupação humana**

Segundo Day (2005), um inglês esteve com um escravo, aproximadamente em 1830, onde é hoje a atual região da Nova Rússia, na busca de ouro, mas logo desistiram, pelas dificuldades encontradas e pela escassez do minério. Em 1880, esse escravo e sua família retornaram à região, achando prata e vendendo-a. Com ele algumas outras famílias estabeleceram-se na região do atual bairro do Garcia. Essas famílias vieram das margens do rio Garcia, hoje rio Camboriú. Quando essa família chegou, encontrou os primeiros habitantes da região, que viviam nas imediações do lugar conhecido como Jordão, os indígenas, conhecidos como Bugres, os Xokleng.

Não foram encontrados indícios que demonstrem a entrada de imigrantes russos no início do século XIX, e sim indício de descendentes portugueses que teriam chegado à região do Garcia para explorá-la, e eram

conhecidos como, “a gente do Garcia”. De acordo com Silva (1934), antes de 1850 já existiam registros de pessoas vindas da cidade de Camboriú. Em 1890, algumas famílias de alemães e prussianos vieram à região em busca de riqueza através da exploração de minérios na região conhecida como Nova Rússia ou Russulana, no Progresso. De acordo com Bacca (2005), foi na virada para o século XX, na localidade da Nova Rússia, que se instalou uma mina para exploração de minérios, mas não deu certo. Em 1920 havia serralharias movidas a água, pertencentes ao senhor Tallmann, na região do atual parque das Nascentes. A existência da exploração de minérios na região serviu como trampolim para que outros começassem a se interessar pela região. No relato de todos os entrevistados, os primeiros colonos russos e alemães somente chegaram à região no início do século XX.

Neste período, a região foi colonizada por russos e alemães, como confirma Silva (1972), quando relata que de 1890 a 1897 chegaram à região do Vale mais de 2000 imigrantes russos, que foram misturando-se com os alemães, espalhando-se por todo o Vale, instalando-se nas bordas dos centros coloniais. Estes tiveram interesse na localidade da Nova Rússia devido ao fato de haver exploração de minérios e pela existência de madeiras e serrarias no local, que abasteciam o mercado externo e também pela Empresa Garcia, indústria têxtil estabelecida no final do século XIX no bairro Garcia e ainda, pelo baixo custo das terras.

Possivelmente as famílias de russos e alemães começaram a se fixar na região em meados de 1920, e passaram a interagir com o meio ambiente, sustentando-se da caça, pesca, agricultura de subsistência. As primeiras famílias que chegaram à região hoje conhecida como primeira e segunda vargem, vieram pela estrada das Sete Voltas, que ligava a localidade do Jordão à região das Minas de Prata. A estrada foi aberta para o transporte de madeira, que era feito com carros de boi (LEITE, 2005; RAUTENBERG, 2006).

Reimann (2006) comenta que seu pai lhe contava o quanto era difícil viver na região quando mal haviam chegado da Europa. Vieram atrás de uma vida melhor, e se instalaram na região por ela possuir terras mais baratas e por

estar próxima da colônia. A senhora Iolanda Garcia (2006) comenta que quando era pequena, sua família, assim como as demais que habitavam a região, viviam da subsistência e da exploração de poucos recursos naturais, apenas os necessários, já que todos viviam em comunidade, uns ajudando os outros e trocando entre si suas produções. De acordo com Reimann (2006), as serrarias e as minas foram os trabalhos disponíveis na comunidade, além da agricultura de subsistência. Essas atividades trouxeram famílias para a região. Em meados do ano de 1950, passou a crescer o número de serrarias, e o número de pessoas que trabalhavam no corte de madeira para a Empresa Garcia e, depois, para a Artex, entre outras, também aumentou. Foi na década de 1950 que Miguel Leite chegou à região. Segundo Leite (2005), a região era atrativa devido à dependência das empresas na exploração e uso da madeira nativa, como também o devido ao valor das terras, adquirindo várias delas, onde atualmente está o Recanto do Miguel. Entre 1950 e 1960, a região foi sendo explorada cada vez mais, passando por uma transição da corrida de toras, que eram puxadas por carros de boi e, depois, atirados morro a baixo e, por fim, apanhadas por tratores com guinchos e caminhões. De 1970 a 1980, a região passou pela sua pior fase de devastação, com a construção de diversas estradas, mata adentro, na busca de madeiras valiosas. A necessidade de mão – de – obra provocou um crescimento demográfico na região, instalando-se recursos como a energia elétrica e sistema de transporte coletivo e, com isso, a exploração madeireira, a caça e o uso do solo para a agricultura passaram a deixar a paisagem desmatada (LEITE, 2005).

Em meados de 1980, a exploração da Floresta Atlântica era exagerada devido ao uso de tecnologias que facilitavam a devastação. De acordo com Sevegnani (2006), foi a partir de 1980, devido às diversas catástrofes que ocorreram na região, causadas pelo desmatamento, e, como havia um amplo debate a nível de Brasil sobre as consequências do desmatamento da Floresta Atlântica, começou-se a cobrar das empresas a proteção de áreas verdes. Segundo Bacca (2005), a luta conservacionista, no âmbito institucional, começou com a fundação da ACAPRENA –



Associação Catarinense de Preservação da Natureza, em maio de 1973. Depois a Fundação do Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina - FATMA em 1975, e, em 1977, a AEMA, ou atual Fundação Municipal do Meio Ambiente de Blumenau - FAEMA. Em 1980 foi elaborado o decreto 1567/80 para pôr fim ao desmatamento, principalmente os incentivados por legislação federal na região. Somou-se a isto o interesse da Artex em proteger a região, a fim de preservar mananciais de água, razão pelas quais a empresa passa a adquirir terras. A compra das terras ocorreram entre 1980 e 1987, totalizando 5.296,16 hectares. Em janeiro de 1988, a empresa Artex, com incentivo de Lauro Eduardo Bacca, cria o Parque Ecológico Artex, sendo reconhecido com RPPN pelo IBAMA pela portaria 143N/92.

Após a criação do parque realizaram-se atividades para preservar a região. Mas, devido à falta de recursos para manter o Parque, a empresa Artex decidiu doar as terras, fato que ocorreu em abril de 1998, sendo doadas à FAEMA e à Universidade Regional de Blumenau. Em 5 de junho de 1998 é criado pela Lei Municipal 4.990 o Parque Natural Municipal do Garcia (BACCA, 2005).

Não existem dados exatos sobre a quantidade de famílias, e da densidade local antes de 1950 até 2000, contudo, sabe-se da ocorrência de diferentes fluxos. Segundo os relatos dos moradores, variou de 20 a 30 famílias até início da década de 1950, aumentando a densidade demográfica com as desmembrações de terras, e sua utilização para exploração até a década de 1970-80, período de grande exploração madeireira, podendo ter ocorrido a presença de mais de 40 famílias, além das já instaladas no local. Em 1988, quando da criação do Parque Ecológico Artex, iniciou-se uma fase de preservação da região, principalmente devido ao manancial de água, e na região da Nova Rússia, as novas regras sobre a proteção da região introduziram alterações nas características demográficas. Com a diminuição das atividades de exploração da Floresta Atlântica, a população da região diminuiu, e passou a predominar o colono de agricultura familiar. De 1988 a 2001, a região passou a ser caracterizada por dois grupos, os moradores que possuem vínculo com a terra e que ali vivem há muito tempo, descendentes dos

primeiros colonos, tendo o local como residência, e os que têm a região como lazer, possuindo residências para veraneio ou temporadas (IMROTH, 2003).

### **3.2 Os recursos naturais e a relação socioeconômica**

Diferentes espécies arbóreas foram exploradas em grande quantidade, desde o uso para subsistência, o corte raso e a exploração industrial, e o solo utilizado para a agricultura familiar e comercial com o plantio de monoculturas, como a do tabaco. As principais fontes naturais exploradas foram a madeira, a caça, uso do solo, e da água, que se intensificou a partir de 1950, aumentando lentamente até o início de 70. Nesse período, a exploração madeireira tornou-se a principal fonte de exploração seguida da caça, suprindo a carne da comunidade instalada onde hoje é a primeira vargem (Nova Rússia), e onde é a Segunda Vargem ou a sede do atual parque. De 1980 a 1990, a exploração madeireira cessou aos poucos, diminuindo também a caça, mas intensificando-se em outras explorações, como o roubo de palmito e tráfico de espécimes faunísticos. Após 1988, a região passou a ser preservada, tendo seu auge de proteção e recuperação das matas secundárias após 1998 com a criação do Parque das Nascentes. Hoje, a região apresenta uma regeneração impressionante com o predomínio do verde quase original de Floresta Atlântica da região.

De acordo com Bacca (2005), a primeira influência antrópica na região do Parque das Nascentes foi a tentativa frustrada de exploração de minérios na região hoje conhecida como Minas da Prata na região da comunidade da Nova Rússia ocorrida a partir de 1830. De 1830 a 1870, apenas a tentativa de exploração de minérios e a influência indígena ocasionaram alguns danos à Floresta Atlântica. A partir de 1870, na região já se haviam instalado algumas serrarias, como a da família Odebrecht e a da família Schadrack, que mantinham um forte mercado de madeira com a Europa. No início de 1900, algumas famílias de alemães começaram a se instalar próximo à região das minas, cuja exploração foi realizada primeiramente por empresas alemãs, seguidas

de empreendimentos e parcerias entre alemães, argentinos e empresas brasileiras. A tentativa era explorar ouro, mas o que mais se explorou foi pouca prata, cobre e chumbo. Os minérios eram processados no local. Devido à falta de veios de minérios, a exploração, a partir dos anos 1970, cessou (GARCIA, 2006; LEITE, 2005; ALFARTH, 2006; SEVEGNANI, 2006).

Aos poucos se instalaram na região diversas famílias e, além das vantagens da exploração das minas, a exploração madeireira foi a mais rentável. O valor das terras era baixo e a natureza provia o sustento através da caça. A partir de 1870, na região que hoje é o bairro Progresso, instalou-se a Empresa de Artefatos Têxteis Garcia S.A, próximo do Spitzkopf, passando a favorecer a ocupação da região e, com o crescimento populacional, intensificou-se a maior atividade econômica rentável na região, o corte de árvores, juntamente com a necessidade da caça, tornaram-se atividades do dia – a – dia do colono, acontecimentos naturais e habituais. Ferdinando Schadrack, proprietário das terras do Spitzkopf, no entorno do atual parque, montou uma serraria e começou a explorar madeira como atividade econômica na região. De 1907 até 1930 exportou uma grande quantidade de madeira para a Europa. A madeira foi o principal produto de exportação na Blumenau colonial (BACCA, 2005; SEVEGNANI, 2006). Depois da morte de Ferdinando Schadrack, seu filho Udo inicia na região as primeiras discussões sobre a preservação do meio ambiente, já com uma visão mais futurista, fechou a serraria e passou a orientar os caçadores a preservar a natureza, preparando o local para ser no futuro conservado, protegendo a Floresta Atlântica, e um ponto turístico, pensado no início da década de 1930. Essa iniciativa passa a ser retomada a partir da década de 1970, quando grupos de conservacionistas lutam pela conservação da região em prol da criação de uma área que preservasse os mananciais de água e a floresta (DAY, 2005).

Entre 1910 e 1930 iniciava-se a ocupação da Primeira Vargem, Segunda Vargem seguida da Terceira Vargem. Os primeiros colonos passaram pelo Jordão, chegando à região pela estrada das Sete Voltas até a região da Primeira Vargem, onde já havia as minas e a Segunda Vargem, onde se

instalaram serrarias movidas à força d' água, pertencentes à família Tallmann. Na Segunda Vargem chegaram a funcionar quatro serrarias movidas a água. A Terceira Vargem, a partir de 1930, também passou a ser explorada por madeiras, lá funcionando, por alguns anos, uma serraria a vapor, à base da queima de lenha por uma locomóvel (BACCA, 2005).

Durante esse período diversas famílias instalaram-se na região, oriundas da Rússia e Alemanha, chegando a haver até quinze famílias que viviam em função da serraria da Terceira Vargem (BACCA, 2005). Estas famílias viviam da produção de carvão e cultivos e do trabalho nas minas, nas serrarias e nas indústrias têxteis do Garcia. Inicialmente cortavam todo tipo de madeira para a produção de carvão. Esse carvão era para uso próprio dos colonos e para vendê-lo para a fornalha das indústrias têxteis. Possivelmente cada família produzia cerca de 3 a 4 sacas de carvão por dia, o equivalente a 30 quilos. Este era levado, junto com outros recursos explorados, como o palmito, até a localização atual do Blumenau Esporte Clube, onde havia um lugar para vender as mercadorias (GARCIA, 2006; RAUTENBERG, 2006).

Diversas espécies de árvores tornaram-se alojamentos, casas, móveis e ferramentas. As maiores árvores eram exploradas pelas madeiras que as derrubavam e processavam no local de forma artesanal. As toras derrubadas eram puxadas morro a cima por bois, sendo atirada para baixo, as toras deslizando, como numa corrida de toras, para regiões onde existisse acesso ou caminho para levá-las com carros de bois até a cidade. Até 1960 a madeira era cortada com machados e puxada por animais e transportada em carros de boi. Eram empilhadas após o corte e levadas com carroças até o centro. As principais madeiras que atuaram no período foram as dos Hort, Moretto, Lageano e do Tamasia, que exploraram cedros, canelas, perobas, madeiras de lei grossas, na região do entorno e no que hoje pertence ao parque (REIMANN, 2006).

A partir dos anos 1960 as madeiras introduziram o guincho para puxar a madeira e motoserras. Uma grande empresa de Lages, a madeireira Martinhago adquiriu as serrarias locais, e diversos terrenos, criados com o desmembramento das terras dos primeiros

colonos, iniciando uma exploração massiva das árvores da região. Esta serraria atuou onde é hoje a sede principal do parque, na Segunda Vargem, na Terceira Vargem e na região do Encano, construindo diversas estradas, inclusive a principal, a rua Santa Maria, que conecta o bairro Progresso à Nova Rússia. Tiravam aproximadamente 20 caminhões de madeira de lei por dia em cada uma das localidades, em que havia serraria. A técnica de exploração do lageano dava-se por meio de cabos de aço ou correntes puxadas por tratores, que arrancavam todos os tipos de árvore, mas apenas aproveitavam as de lei, inutilizando as demais, que acabariam apodrecendo no local. Com o tempo enormes clareiras eram vistas, com as montanhas desprovidas de cobertura vegetal, onde eram freqüentes os deslizamentos de terra, assoreando os ribeirões e, conseqüentemente, prejudicando a vida silvestre e humana na região. Após os anos de 1970, passou-se a introduzir o plantio de pinus e eucaliptos com incentivo governamental, para substituir a floresta nativa (LEITE, 2005; REIMANN, 2006; GARCIA, 2006).

A madeira era para ser comercializada em fábricas de móveis, mas a grande maioria era para servir de combustível para empresas da região, como a Garcia, a Artex, os Hering etc. O lenhador ganhava uma miséria, não tendo nada de lucro, inclusive os proprietários das serrarias, poucos lucros obtiveram (LEITE, 2005; GARCIA, 2006). Além da madeira de lei, o palmito, explorado desde 1920 na região, era consumido pelos colonos, passando a ser comercializado entre colonos da Nova Rússia e centro de Blumenau a partir de 1930, principalmente pela empresa Hemmer. Quase todos cortavam palmitos e os preparavam para a venda ou em conserva para serem vendidos na própria comunidade e para a própria subsistência (RAUTENBERG, 2006; ALFARTH, 2006).

O solo também era aproveitado para a agricultura, sendo as regiões desmatadas utilizadas para a produção do carvão, bem como para o plantio de milho, batata, aipim, feijão, taiá, pois cada família possuía uma pequena plantação para a sua subsistência. Havia também moinhos para fazer farinha de aipim, sendo eles movidos com força d'água, ou seja, com a alteração do curso do ribeirão. Áreas

também foram transformadas em pastos, e para o plantio de monoculturas, como a região das Minas de Prata, com o predomínio do plantio do fumo, sendo este destinado para a empresa Souza Cruz do bairro Garcia. Alguns moradores venderam seus terrenos, criando-se loteamentos e em outras regiões do entorno, próximo à do ribeirão Garcia, as quais foram aproveitadas para fins imobiliários (LEITE, 2005; GARCIA, 2006; REIMANN, 2006).

A caça sempre foi uma característica cultural dos colonos que se alojaram na região, e a carne de caça supria as suas necessidades alimentícias. Era comum, segundo os membros da comunidade, a presença de veados, pacas, e de diversas aves como as jacutingas e as saracuras, nas proximidades das casas. A partir de 1950, a caça, pode ser abundante e atrair os caçadores, intensificou-se, tanto para a subsistência como para as práticas esportivas e predatórias e comerciais. A caça até meados de 1950 não apresentava riscos de provocar extremas diminuições das populações naturais e, após 1960, os animais de grande porte, como preguiças, gatos-do-mato, e aves, como a jacutinga, se tornaram difíceis de encontrar, passando a haver interesse pelos animais de menor porte. O que mais se caçava era paca, tatu, veado, mão pelada, entre muitos animais mamíferos e aves desta porção de Floresta Atlântica (LEITE, 2005; REIMANN, 2006; BENTO, 2006; ALVES, 2006).

De acordo com Sevegnani (2006), até os anos de 1960 a exploração da região não era de grande vulto, e foi somente nos anos 1970-80 que a devastação madeireira tomou grandes proporções. Até os anos 1980, o governo Federal incentivava o corte de mata nativa para o reflorestamento de pinus e eucaliptos. Assim, as florestas nativas foram quase dizimadas em regiões do entorno do Parque. As empresas Artex, Karsten, Tekka, entre outras, exploravam a mata nativa: canela-preta, sassafrás, peroba, guamirims, entre outras, eram utilizadas principalmente como combustível. Toda a madeira boa era distribuída, transformando-se em móveis, carvão, casas, entre muitas outras coisas. Com o tempo, e devido às proibições destas empresas de explorar a mata nativa, passaram a instalar seus parques de reflorestamento de pinus e eucalipto nas áreas em que havia sido explorada a mata nativa. A



Floresta Atlântica passa a ser preservada desde a década de 1980, seguindo assim até os dias de hoje devido à implantação do parque.

### 3.3 Conseqüências socioambientais

O período de maior exploração, 1960 a 1980, ocasionou algumas perdas significativas para a Floresta Atlântica, cuja exploração descontrolada dos recursos naturais obtidas, baseiam-se principalmente, nos relatos dos membros da comunidade da Nova Rússia. As condições ambientais, assim como a paisagem natural foi sendo reorganizada pelo homem, pondo em risco de extinção diversas espécies vegetais e animais. A aparição constante de tipos de aves e de mamíferos próximo à comunidade foi rareando à medida que a caça aumentava, fazendo, principalmente dos mamíferos e aves, um elemento raro para a vista humana nas proximidades da comunidade. A destruição das florestas e da mata ciliar ocasionou o assoreamento do rio com a erosão das encostas, acarretando a diminuição do volume e qualidade das águas, e o rareamento dos peixes (LEITE, 2005; REIMANN, 2006; RAUTENBERG, 2006).

O desmatamento reduziu a absorção da água das chuvas, acarretando muitas vezes o aumento de volume de água em forma de enxurrada, arrastando os restos de detritos vegetais do desmatamento, destruindo a mata ciliar e causando prejuízos vitais nas comunidades humanas. São registradas enxurradas no ribeirão Garcia desde 1880. Em 1961, a enxurrada abalou a estrutura do Amazonas Esporte Clube e ocasionou 4 mortes. Em 1983, a enxurrada do ribeirão Garcia arrastou diversas moradias e benfeitorias da comunidade da Nova Rússia, e de todo o seu percurso até a foz, alarmando mais a sociedade blumenauense em plena enchente. Em outubro de 1990, outra enxurrada ocasionou 21 vítimas fatais na região do progresso. Ocorreram, ainda, em novembro de 1991 e no mesmo mês em 2002, outras enxurradas que ocasionaram prejuízo material às famílias que ocupavam as áreas ilegais do ribeirão Garcia. Essas enxurradas ocorreram devido ao desmatamento na região do Parque das Nascentes (DAY, 2005; GARCIA, 2006).

A partir de 1970, com o movimento ambientalista posicionando-se na região, a legislação de proteção contra o desmatamento do sul do município de Blumenau e a implementação dos organismos públicos e não governamentais em defesa e conservação do ambiente natural na região, a exploração diminui, proibida por leis municipais, estaduais e federais, que foram surgindo depois de 1980. A criação do parque Artex e, posteriormente, do Parque das Nascentes, contribuiu com a extinção da exploração madeireira, permitindo a regeneração da floresta. Com a conservação da mata nativa, a dinâmica de sucessão florestal reestruturou aos poucos a vida natural da região. A partir de 1998, mesmo com a região e os elementos da Floresta Atlântica protegidos através da criação do parque, a região sofreu ainda com a extração do palmito, ocorrendo diversas incidências, assim como a caça, que continua, mas agora de forma mais silenciosa e escassa. Outros crimes ocorrem, como a biopirataria, através da venda de espécimes de aves e mamíferos (SEVEGNANI, 2006; BACCA, 2005).

Com os problemas ocorridos no período de maior devastação, a comunidade passou a sofrer da escassez de alguns recursos, principalmente da caça. Foram abatidos até a quase extinção e foram extintos diversos animais de grande porte, tais como a anta, porco-do-mato-cateto gatos-do-mato, preguiças e veados. Com sua diminuição, animais menores, como as cotias, as pacas, entre outros, passaram a ser abatidos (LEITE, 2005; REIMANN, 2006; RAUTENBERG, 2006; ALFARTH, 2006).

As medidas de conservação da natureza na região afetaram de certa forma a vida cultural do colono da Nova Rússia, acostumado com a exploração do palmito, da caça, entre outros recursos de forma de subsistência, que aos poucos foi sendo coagido pelas legislações e, posteriormente a 1988, devido à criação de uma Unidade de Conservação em seu entorno.

### 4 Considerações finais

A pesquisa possibilitou determinar as principais influências antrópicas nas relações entre a comunidade da Nova Rússia e a Floresta

Atlântica na região do Parque Natural Municipal Nascente do Garcia e seu entorno durante o século XX. A região de estudo passou a sofrer influências antrópicas desde o início do século XIX pela exploração de minérios e, já no início do século XX, passou a ser colonizada havendo a exploração do potencial hídrico através dos moinhos de farinha e serraria, exploração de mata nativa, principalmente de madeira de lei, solo para agricultura, pecuária, reflorestamento com espécies exóticas, caça e pesca, acarretando o esgotamento e extinção de alguns dos recursos mais explorados da Floresta Atlântica até os anos de 1980.

A derrubada da mata para exploração madeireira foi a mais grave das alterações causadas pela atividade humana. Segundo Primack & Rodrigues (2001), entre as seis maiores ameaças à diversidade biológica estão a destruição e fragmentação do habitat, a superexploração das espécies e a introdução de espécies exóticas. Que ocorreram em grandes proporções na região do Parque e seu entorno, impossibilitando a região de servir de habitat para a fauna. O desmatamento foi descontrolado e, em muitos locais, toda a mata foi derrubada, incluindo aquelas que não eram consideradas madeiras de lei ficaram apodrecendo no local. Com isso, a destruição do habitat, de acordo com Primack e Rodrigues (2001), também causou a extinção das espécies animais.

O auge da exploração foi entre os anos de 1960 a 1980, período caracterizado pelo implemento de máquinas para a exploração vegetal, o que provocou graves conseqüências às comunidades do entorno, já que estas cresceram devido à própria rentabilidade da exploração. É através desta exploração madeireira em larga escala, que se pode notar

nos relatos dos entrevistados algumas modificações no meio ambiente, como a diminuição no nível da água do ribeirão Garcia, o desaparecimento de espécies arbóreas e de animais da fauna local.

Da perspectiva das conseqüências às populações, obtivemos dados que demonstraram a ocorrência de enxurradas, a diminuição do volume da água do ribeirão, impossibilitando seu uso para moinhos e serrarias, a falta de caça para a subsistência do colono, todas seqüelas que alteraram a forma de vida das comunidades. As pessoas da comunidade da Nova Rússia, após as proibições de exploração dos recursos naturais, sentiram-se coibidas e injustiçadas por terem que alterar seus costumes de vida, esta baseada na exploração dos recursos da Floresta Atlântica, inicialmente para subsistência, e depois por interesse financeiro ou territorial. Hoje, a comunidade percebe a importância da preservação da região para a sua própria existência da comunidade e se coloca como guarda para a proteção dos recursos naturais para suas futuras gerações.

Nesta pesquisa constataram-se algumas formas de uso dos recursos naturais da Floresta Atlântica da região e entorno do Parque das Nascentes no Município de Blumenau, iniciando-se, assim, o caminho para que outros historiadores possam contribuir com a história das relações entre a sociedade humana e a natureza. Fazem-se necessárias novas buscas de dados e análises de demais fontes para aprimorar este estudo e facilitar os próximos, contribuindo, assim, com a História do Parque das Nascentes, e para uma História Ambiental do Vale do Itajaí.

## 5 Relationship between the community of Nova Rússia and the Atlantic Forest during the 20<sup>th</sup> century in Blumenau-SC.

**Abstract:** The Atlantic forest was extremely exploited in the 20<sup>th</sup> century at both the national and regional levels. By means of environmental description it was possible to understand the consequences of human actions and their relationship with the diverse forms of the use of natural resources, making clearer perceptions of the consequences of human influences in the *Itajaí* hydrographic basin. The objective of this work is to determine the occurrence of human influences in the *Parque das Nascentes* and its surrounding community known as Nova Rússia, as well as its consequences on the Atlantic Forest and the human population of the region during the 20<sup>th</sup> century. In order to do

this, collection of verbal reports and written documents was made. It was possible to identify to the main human influences in the *Parque das Nascentes* region and its surroundings, such as mining, exploitation of the hydro potential by flour mills and sawmills, exploitation of native wood, agriculture, cattle, reforestation with exotic species, hunting and fishery, all of which helped cause the exhaustion and extinction of some of this exploited resources; mainly between 1960 the 1980, when exploitation was carried out through the introduction of machinery that provoked serious consequences to the Atlantic Forest and to the park's surrounding communities.

**Key words:** Atlantic forest. Itajaí Valley. History of Human Occupation. Soil use.

## 6 Referências

- ALFARTH, Vileberto. **Entrevista concedida a Martin Stabel Garrote**, Nova Rússia, janeiro de 2006.
- ALVES, Hildegath. **Entrevista concedida a Martin Stabel Garrote**, Nova Rússia, janeiro de 2006.
- ANDREUCCI, Álvaro. **História Ambiental: reciclando o papel do historiador**. Disponível em: <<http://www.historiadoreletronico.com.br/secoes/faces/16.html>>. Acesso em: 03 mar. 2004.
- BACCA, Lauro Eduardo. O Parque das Nascentes. **Jornal da Universidade**. Blumenau, abril de 2004, p.2.
- BACCA, Lauro Eduardo. **Parque das Nascentes e Serra do Itajaí (SC): histórico e potencial de ampliação da área de proteção integral**. Blumenau, 2005. (Material Impresso).
- BENTO, Maura. **Entrevista concedida a Martin Stabel Garrote**, Nova Rússia, janeiro de 2006.
- COMITÊ DO ITAJAÍ. Disponível em: <<http://www.comitedoitajai.org.br>> Acesso em: 01 maio 2004.
- DAY, Adalberto. **O Vale do Garcia**. Blumenau, 2005. (Material Impresso)
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. Tradução por Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DREHER, Marialva Tomio. **Subsídios para o levantamento do potencial ecoturístico do Parque Natural Municipal das Nascentes em Blumenau – SC**. Itajaí : Universidade do Vale do Itajaí, 2002. (Dissertação de Mestrado).
- DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.
- GAPLAN. **Atlas de Santa Catarina**. Florianópolis: Aerofoto Cruzeiro 1986. 173 P.
- GARCIA. Iolanda. **Entrevista concedida a Martin Stabel Garrote**, Nova Rússia, janeiro de 2006.
- HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Editora da Furb, 1987.
- IMROTH, Mauricí. Percepção ambiental das comunidades situadas no entorno do Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia (Vale do Itajaí/SC). **Revista de Estudos Ambientais**, Blumenau, v. 5, n. 2-3, p.43-59, 2003.
- LEITE, Miguel. **Entrevista concedida a Martin Stabel Garrote**, Nova Rússia, outubro de 2005.
- MATTEDI, Marcos Antônio. Notas sobre as visões de natureza em Blumenau: mais um capítulo da trágica história do sucesso humano. **Revista de Estudos Ambientais**, Blumenau, v.3, n.1, p.29-39, jan./abr., 2001.
- PRIMACK, Richard B. & RODRIGUES, Efraim. **Biologia da Conservação**. Londrina: Planta, 2001.
- RAUTENBERG, Reinaldo. **Entrevista concedida a Martin Stabel Garrote**, Nova Rússia, janeiro de 2006.
- REIMANN, Herbert. **Entrevista concedida a Martin Stabel Garrote**, Nova Rússia, janeiro de 2006.
- REITZ, Raulino. As lições da catástrofe. **Revista de Divulgação Cultural**, Blumenau, v.6, n.20, p.35-46, dez. 1983.
- SEVEGNANI, Lúcia. **Entrevista concedida a Martin Stabel Garrote**, Blumenau, fevereiro de 2006.
- SILVA, José Ferreira Da. **Calendário Blumenauense\_1934**, p.24

REA – Revista de *estudos ambientais*  
v.9, n.2, p. 39-50, jul./dez. 2007

SILVA, José Ferreira, **História de Blumenau**. Florianópolis: Edeme, 1972. 380 p.

WOSTER, Donald. Para fazer História Ambiental: Tradução por José Augusto Drummond. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.4, n. 8, p.98-215, 1991.

ZIMMERMAN, Carlos Eduardo. Uma contribuição a ornitologia catarinense: levantamento preliminar da ornitofauna do Parque Ecológico Artex. **Dynamis**, Blumenau, v. 1, n. 1, p. 69-75, set./out. 1992.